

Os desafios de pesquisar com crianças na era digital: posturas éticas e metodológicas necessárias

The challenges of researching with children in the digital age: ethical and methodological stances required

Los desafíos de investigar con niños en la era digital: posturas éticas y metodológicas necesarias

Bruna Santana de Oliveira¹ , Simone Lucena¹ , Nayara Evellyn Santos Fontes¹ 

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Bruna Santana de Oliveira

Email: brusan10@hotmail.com

Como citar:

Oliveira, B. S. de, Lucena, S., & Fontes, N.E. S. (2024). Os desafios de pesquisar com crianças na era digital: posturas éticas e metodológicas necessárias. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 17(36), e19489. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v17i36.19489>

RESUMO

Atualmente, as crianças têm ocupado gradativamente o espaço virtual para aprender, brincar e socializar com os pares por meio do acesso às tecnologias digitais conectadas em rede. Por esta razão, as pesquisas com as infâncias atuantes na era digital exigem outras posturas éticas e metodológicas que garantam a escuta de suas vozes. Por isso, este estudo tem como objetivo abordar as estratégias éticas e metodológicas adotadas em uma pesquisa com crianças imersas com os aparelhos tecnológicos nos seus momentos lúdicos de brincadeiras. Para tanto, com base nas técnicas da etnografia, adotamos o diário de campo, registros fotográficos e a observação interativa no ambiente privado/familiar de duas crianças ao longo de quatro meses. Os resultados evidenciam que as escolhas metodológicas influem nos níveis de participação dos pequenos, além disso, essa aproximação exige diversas mobilizações éticas para registrar *in situ* como compreendem a participação, contribuem e mobilizam conhecimentos para/sobre a investigação científica.

Palavras-chave: Estratégias metodológicas. Infâncias conectadas. Pesquisa com crianças. Posturas éticas. Tecnologias digitais.

ABSTRACT

Children have gradually occupied the virtual space to learn, play, and socialize with their peers through the use of networked digital technologies nowadays. In face of that, this study aims to address some ethical and methodological strategies adopted in a piece of research concerning children immersed in technological devices during their ludic moments of play. Based on

ethnographic techniques then, we have adopted the use of field diary, photographic records, and interactive observation in two children's private/family environment for the course of four months. The results illustrate that the methodological approach selected impacts on young children's levels of participation. In addition, this approach requires various ethical considerations as to recording *in situ* as well as on how children understand participation, contribute, and mobilize knowledge for/about scientific research.

Keywords: Digital technologies. Connected childhoods. Ethical stances. Methodological strategies. Research with children.

RESUMEN

Actualmente, los niños han ocupado gradualmente el espacio virtual para aprender, jugar y socializar con sus pares a través del acceso a tecnologías digitales conectadas en red. Por esta razón, las investigaciones con las infancias activas en era digital requiere otras actitudes éticas y metodológicas que garanticen la escucha de sus voces. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo abordar las estrategias éticas y metodológicas adoptadas en una investigación con niños inmersos en dispositivos tecnológicos durante sus momentos lúdicos. Para ello, basándonos en las técnicas de la etnografía, adoptamos el diario de campo, registros fotográficos y la observación interactiva en el entorno privado/familiar de dos niños durante cuatro meses. Los resultados evidencian que las elecciones metodológicas influyen en los niveles de participación de los pequeños; además, este abordaje requiere de varias movilizaciones éticas para registrar *in situ* cómo comprenden la participación, contribuyen y movilizan conocimientos para/sobre la investigación científica.

Palabras clave: Estrategias metodológicas. Infancias conectadas. Investigación con niños. Posturas éticas. Tecnologías digitales.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o número de crianças conectadas com acesso aos dispositivos digitais está aumentando significativamente. De acordo com a pesquisa realizada pelo indicador TIC Kids Online Brasil¹ em 2021, cerca de 91% das crianças e adolescentes vivem em domicílios com acesso às redes de conexão, esse número era de 83% em 2019. Entre a população pesquisada, 93% acessam a internet assiduamente em diferentes espaços. Esses números revelam uma tendência de crescimento de utilização das tecnologias digitais pelas crianças e, conseqüentemente, acesso à internet.

Dentre os dispositivos preferidos está o *smartphone* (93%), principal aparelho utilizado no cotidiano. Dentre as práticas on-line mais realizadas em 2021, estão: assistir vídeos, filmes e séries (84%), ouvir música (80%), enviar mensagens (79%), usar redes sociais (78%) e jogar on-line (66%). O estudo mostra ainda que há um crescimento elevado na imersão em plataformas de criação de vídeos e compartilhamento, tal como Instagram (62%) e o TikTok (58%) (TIC Kids Online, 2021).

Outra pesquisa mais recente publicada em 2022 pela Panorama Mobile Prime² revela que conforme os pequenos crescem, os pais tendem a ceder dispositivos de uso próprio no intuito de proporcionar uma melhor imersão aos seus filhos(as). De modo geral, os dados publicados mostram

¹ O indicador TIC Kids Online Brasil tem como objetivo compreender a utilização da internet pela população entre 9 a 17 anos. O período de coleta ocorreu entre outubro de 2021 e março de 2022. Nesse mapeamento, foram feitas entrevistas com 2.651 crianças e adolescentes de todo o país e com seus pais/responsáveis nos estados de território nacional.

² É uma pesquisa independente produzida pelas empresas Mobile Time e a Opinion box. Na edição de 2022, foram entrevistados 1.745 pais de crianças com idades entre 0 a 12 que possuem *smartphones* e acesso à internet assiduamente.

que no total de 44% das crianças brasileiras com idades entre 0 e 12 têm seu próprio *smartphone*, 35% não têm, mas usa dos pais. Dentre os motivos da decisão dos pais/responsáveis de dar o aparelho estão: entreter (60%), para a comunicação (55%), para estudar (48%), por segurança (46%), para falar com parentes e amigos (43%) e outros motivos (3%) (Panorama Mobile Prime, 2022).

Os números citados mostram como as crianças vêm ocupando o espaço virtual de forma contínua, explorando uma variedade de possibilidades em busca de atribuir sentidos e significados às culturas digitais de maneira singular (Oliveira & Lucena, 2021a). Essa aproximação acontece quando ainda bebê de uma forma menos ativa, ao olhar as telas, presenciar os pais jogando etc. Entretanto, com o passar dos anos, tendem a protagonizar de maneira mais frequente, seja com seus dispositivos próprios ou emprestado dos pais e/ou demais adultos do círculo social (Belford et al., 2016; Grimes, 2021; Mallmann, 2019). Nessa oportunidade, acessam e compartilham informações com familiares e seus pares sobre seus interesses e vivências nas culturas digitais (Oliveira & Lucena, 2021b).

Esses acontecimentos nos desafiam a refletir sobre a urgência de estratégias éticas e metodológicas para pesquisar com as infâncias atuantes no virtual. De modo geral, os estudos com as crianças na era digital exigem um olhar sensível e cuidadoso no momento de escolha dos métodos e as posturas éticas para produção de dados a partir de suas experiências. Entre os desafios está o de registrar, a partir da escuta de suas vozes, como compartilham, produzem e exploram com essas interfaces. De um lado, as pesquisas científicas exigem registrar, a partir do ponto de vista delas, como constroem e protagonizam os espaços digitais. Do outro, o pesquisador(a) precisa identificar os tipos de atuações e (re)pensar estratégias de captar suas performances, seja de maneira totalmente on-line ou presencial com os pequenos a fim de explorar as interfaces tecnológicas acessadas (Corsaro, 2019, 2021).

Pensando nisso, neste estudo, temos como objetivo abordar algumas estratégias éticas e metodológicas adotadas em uma pesquisa³ efetivada com crianças imersas diariamente com as tecnologias digitais conectadas em rede. Dentre as escolhas metodológicas, optamos em adotar técnicas da etnografia, tal como: a observação interativa com base em Oliveira (2021) durante quatro meses e a construção do diário de campo com inspiração em Corsaro (2003, 2005, 2011) a fim de registrar a aproximação no espaço privado familiar de duas crianças atuantes nas culturas digitais.

METODOLOGIA

Neste estudo, decidimos pela pesquisa *com*⁴ e não sobre crianças, por isso optamos por uma escolha na abordagem metodológica que possibilitasse a autoria na produção de dados pelas interlocutoras participantes da investigação. Em contraste, para tal escolha, compreendemos com base em Corsaro (2003) que as crianças performam interpretações do mundo e, de maneira singular, produzem inteligibilidades, linguagens e culturas próprias das infâncias. Diante disso, que tipo de abordagem seria ideal para escutar e assentir as participantes como coautoras da pesquisa? Que tipo de estratégias metodológicas adotar, tendo em vista uma aproximação no campo pesquisado?

³ Os dados apresentados neste artigo são resultados de uma dissertação de mestrado intitulada “Aqui em casa, com o *tablet*” e videogame, eu sempre aprendo um montão de coisas”: atos de currículo brincantes nas práticas das culturas infantis com as tecnologias digitais”, desenvolvida no Programa de Pós-graduação (PPGED) na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15087>. Acesso em: 20 dez. 2022.

⁴ Neste estudo atribuímos a ênfase à preposição *com* em itálico, tendo por base os preceitos epistemológicos e metodológicos da Sociologia da Infância, para destacar que as crianças participantes do estudo são interlocutoras e parceiras em todo o processo de investigação (Corsaro, 2011).

Primeiramente, temos como ponto de partida o ato de assentir as crianças como parceiras no processo de investigação (Pereira, 2012) e, por isso, elas contracenaram, em todo o trajeto da pesquisa. Sendo assim, optamos por uma abordagem de investigação qualitativa com inspiração na etnografia, no intuito de registrar os aspectos da cultura das infâncias. Ferreira (2010) conceitua a este tipo de método como o mais adequado para capturar as vozes de forma mais direta das crianças, tendo em vista o olhar de suas próprias perspectivas a fim de garantir sua participação de maneira particular para compreender os processos plurais constitutivos das infâncias e relações construídas.

Contudo, destacamos, antecipadamente, que esta pesquisa não pode ser definida como um estudo etnográfico, pois um estudo etnográfico requer um estudo extensivo e exaustivo em campo, ou seja, um mergulho de longa duração na pesquisa, níveis profundos de participação, tornando, assim, o tempo de percurso de pesquisa de um mestrado insuficiente para tal escolha (Marchi, 2018). Pensando nessa impossibilidade, assumimos a perspectiva e técnicas dos estudos etnográficos, ou seja, significa que adotamos as orientações da pesquisa etnográfica para o desenvolvimento do estudo.

Corsaro (2011, p. 63) alude a etnografia como “[...] método eficaz para estudar as crianças porque muitos recursos e suas interações e culturas são produzidos e compartilhados no presente”. O autor a define como uma abordagem utilizada em campo para detalhar e interpretar as culturas das infâncias, como constroem sentidos e contribuem para mudança e produção social. Diante dessa escolha, é essencial estar com as crianças-interlocutoras no trajeto da pesquisa, assim, tornam-se uma espécie de parceira/informante, por isso, contrasta e defende uma investigação *com* e não *sobre* elas.

Sarmiento (2011) afirma que etnografia visa apreender a realidade social singular conduzida no cotidiano, permeada de fatos, ações, sentidos, resistências, manifestações plurais e dimensões outras. Com efeito, essa apreensão descreve minuciosamente a atribuição de significados e interpretações dos atores sociais nos seus modos de entender a realidade da vida. Essa escolha demanda, por parte do(a) pesquisador(a) um compromisso de longo prazo que pode durar meses ou anos. Para tanto, os registros permitem que os atores/participantes da investigação tenham voz na construção das informações. Com base nisso, apenas as crianças podem mostrar o que sabem sobre o mundo, as pessoas, sobretudo, suas estratégias de produção de suas próprias culturas.

É preciso, portanto, na investigação etnográfica *com* as crianças compreender ações e eventos acionados nas significações assumidas e construídas no sistema simbólico das culturas infantis. É necessário analisar ações pormenorizadas e de nível mais amplo, situadas no compartilhamento, participação e integração cultural infantil. Por isso, Corsaro (2019) destaca as principais vantagens da etnografia: 1) a capacidade de descrição densa dos dados; 2) capacidade de registrar o contexto vivenciado de forma aprofundada dos grupos sociais em dados; 3) capacidade de sua captura de dados (em notas de campo e/ou por gravação em áudio ou vídeo) para análise pura e repetida.

A observação é a técnica central para alcançar as experiências das crianças de forma detalhada. Por meio dela, é possível se aproximar, de maneira prolongada, no cotidiano, das configurações nele estabelecidas, agenda da rotina diária, crenças, valores, dentre outros aspectos. Assim, a observação interativa, enquanto técnica de investigação, permite registrar a apreensão dos graus de participação, bem como as relações de amizade/confiança estabelecidas com as crianças (Oliveira, 2021). Geertz (2008, p. 4) define a “descrição densa”, como modelo de descrição crucial em toda a observação, pois permite estabelecer relações teóricas, transcrever textos, mapear as interações em campo e manter um diário (Fine & Kent, 2015, 2021). Delgado e Muller (2005), complementando, enfatizam a descrição densa como apreensão de significados que os membros de uma cultura têm como adquiridos, por isso, o registro das informações deve ser minucioso e atento.

Conh (2009) elucida que, ao adotar a pesquisa *com* e não *sobre* elas, o adulto-pesquisador precisa, acima de tudo, tratá-las em condições de igualdade. Para tanto, foi necessário, primeiramente, a aproximação das suas interações cotidianas, para ouvi-las sobre o que pensam e fazem sobre/no seu próprio universo em relação às culturas digitais, além disso, o que pensam sobre o mundo que as cerca, as interações cotidianas que as rodeiam, ou seja, entendê-las como sujeitos culturais plenos, capazes de compreender, interrogar, questionar e contribuir a produção cultural e social da sociedade.

Macedo (2010) define a observação como um dispositivo implicado o qual permite uma experiência *in situ* e implica em uma postura ética extensiva. Logo, para estar *in loco* nos cotidianos com as crianças, os encontros não puderam se constituir como uma espécie de “invasão”, para tanto, apoiamo-nos na escuta sensível. Barbier (2002) entende a escuta sensível como essencial para compreender as singularidades presenciadas, além disso, tem a descrição como uma capacidade criadora nos registros, definindo-a como condição fundante para ver outro. Para tanto, a empatia precisa estar presente em todo trajeto de investigação na postura do adulto-pesquisador implicado.

Portanto, as atuações das crianças em tempos de tecnologias digitais tornam desafiador pensar em outras estratégias metodológicas que levem em conta as formas de sentido as quais elas conferem às culturas digitais, aliado a isso, a construção de suas culturas permeia em performances singulares nas infâncias da contemporaneidade. Essas escolhas transitam em processos desafiadores para o(a) pesquisador(a), pois pesquisar *com* crianças não deve somente se ater o olhar para os cuidados éticos, mas também, da escuta, empatia e, sobretudo, o aprender com elas e, por isso, tecemos juntas esta investigação diretamente das dimensões complexas de suas realidades emergidas no cotidiano.

A ÉTICA NA PRÁTICA DA PESQUISA COM CRIANÇAS

Após delimitar os percursos metodológicos com inspiração na etnografia, foi necessário pensar como escolheria as crianças atuantes nesse estudo, as formas de entrar em campo e os percursos a serem seguidos no trajeto. Inicialmente, para o recorte de seleção das interlocutoras, delimitamos a idade entre três a seis anos, abarcando assim a faixa etária da primeira infância. Assim, optamos pelo espaço privado familiar tendo em vista como nas observações cotidianas os pequenos têm estado totalmente imersos nesses dispositivos. Diante desses desafios, após a escolha dos critérios de idade e local da pesquisa, o próximo desafio foi ir à procura de crianças interlocutoras cuja a rotina permitisse a observação das interações espontâneas com as tecnologias digitais em suas residências.

Por esta razão, elegemos um condomínio, moradia de uma das pesquisadoras, como lugar propício para esta procura, tendo em vista os seguintes fatores: 1) nós tínhamos um integrante da pesquisa com vínculo previamente estabelecido de amizade com pais de crianças que se encaixavam nos critérios selecionados para a pesquisa; 2) entrar em um espaço tão íntimo como a casa das famílias requereu proximidade com uma das pesquisadoras por parte dos pais e/ou responsáveis; e 3) por se tratar de crianças pequenas, os vínculos de familiaridade foram de extrema importância, pois estar próximo delas exigiu cuidados éticos peculiares e princípios prévios de confiabilidade para obter essa autorização; 4) o campo pesquisado era próximo da instituição a qual as pesquisadoras possui vínculo, ou seja, toda a comunidade conhece e sabe da importância e o papel social da instituição.

Assim, fizemos um mapeamento no condomínio com pessoas da vizinhança. Nos critérios de inclusão estavam a faixa etária escolhida e o acesso livre às tecnologias digitais autorizado pelos pais nas brincadeiras. Já nos critérios de exclusão estavam as crianças que não utilizavam de forma alguma as interfaces digitais, ou seja, os pais não permitiam o acesso, além desse critério, incluímos

aquelas que estudavam em tempo integral, pois não seria possível os encontros nos dias úteis da semana.

Ao mapear e levar em conta os critérios, foram selecionadas duas crianças do condomínio, uma de três anos e outra de cinco anos. Esse número considerou de forma respeitosa todas as crianças do condomínio, pois a escolha de fazer com duas, implicou fazer pesquisa com umas e com outras não, e ao ter cuidado com esses aspectos, as duas escolhidas se encaixaram no critério de participação da investigação.

No momento do comparecimento na casa dos pais das crianças apresentamos toda a pesquisa e documentação, tais como: o projeto completo, a declaração para o registro de imagens e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Quando os pais souberem do que se tratava a investigação e que éramos pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe, instituição pública próxima de onde residem, demonstraram interesse e aceitaram de imediato. Esse consentimento informado no primeiro contato, junto aos pais, visou salvaguardar os direitos e proteção das crianças.

De acordo com Ferreira (2010), a prática ética nessa fase de apresentação, ocorre, primeiramente junto com os adultos/responsáveis e tem em vista os aspectos de deveres e responsabilidades do pesquisador(a) relativo às questões de privacidade, anonimato, confiabilidade e retorno da investigação à família e a própria criança. Com isso, obtemos a autorização formal dos pais/responsáveis, comunicando toda informação detalhada da pesquisa e também possíveis riscos, danos e constrangimentos previstos durante os encontros com suas filhas, já explícitos no TCLE.

No entanto, esse consentimento não poderia se restringir aos pais, pois a entrada em campo dependeu do assentimento das interlocutoras, tendo em vista que seria uma pesquisa *com* e não sobre elas. Marchi (2018) afirma que obter o consentimento informado de crianças pequenas por parte dos pais é prerrogativa necessária, mas, apenas essa etapa não autoriza desprezar os demais aspectos éticos, teóricos e epistemológicos da necessidade de informar às próprias crianças sobre a pesquisa e todo o seu processo.

É facultado às crianças aceitar ou não atuar na investigação, por isso, entendemos o ato de informá-las, antecipadamente, como direto de escolha de participação. Pereira (2012) entende a preferência de priorizar a escuta de fala dos interlocutores como não restrito apenas à produção de dados, mas, no cuidado de permitir “[...] às crianças de ter a compreensão do que seja uma pesquisa e, mais especificamente, sobre a pesquisa que desejamos desenvolver com elas” (Pereira, 2012, p. 80).

No entanto, Ferreira (2010) destaca o debate sobre a competência das crianças para entender o que seria uma pesquisa científica e as implicações disso. De um lado, por se tratar de crianças pequenas e, devido às limitações de linguagem, compreensão e experiência social nessa fase, os desafios de informar são maiores, e, do outro, enfrentaríamos o desafio de traduzir a pesquisa milimetricamente de uma forma que elas entendam. Por isso, a autora entende a documentação burocrática⁵ como algo de extrema complexidade quando direcionada às crianças muito pequenas e prefere a aproximação dessa apresentação como assentimento. Para tanto, ressalta que as crianças/participantes são capazes de decidir sobre sua participação, preferindo a adesão ao assentimento junto aos pequenos.

O processo de consentimento não se define por uma apresentação documental, caracterização da assinatura de um papel, ao se tratar de crianças pequenas. Marchi (2018) define o consentimento como processo gradual, ou seja, é construído durante a investigação com as

⁵ Para este estudo, solicitamos junto ao Comitê de Ética em pesquisa (CEP) da UFS a dispensa do Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) em decorrência da pesquisa ter abarcado crianças menores de seis anos devido às limitações de linguagem. No entanto, no projeto, foi necessário deixar explicitar como iríamos explicar a pesquisa para as crianças, bem como as estratégias adotadas para interpretar o assentimento delas à medida em que os encontros aconteciam.

crianças, pois, no decorrer da estadia no campo o adulto-pesquisador tem a chance de oferecer melhores formas de interpretações do que seja a pesquisa.

Dessa forma, ao entrar em contato pela primeira vez para falar sobre a investigação, além de detalhar de maneira simples toda a pesquisa e o porquê da presença de uma das pesquisadoras em suas casas, também deixamos claro que essa presença tinha como intuito aprender *com* elas sobre suas formas de acesso com as tecnologias, preferências de jogos, desenhos, filmes, dentre outros, e elas decidiram tudo o que iria ser feito durante os encontros e, diante disso, faríamos as observações e anotações. Logo, aceitaram e demonstraram empolgação e curiosidade para saber como seriam os nossos os encontros.

Contudo, Souza (2019) chama atenção ao destacar que o assentimento não decorre apenas nesse primeiro momento. Isto é, ocorre como processo gradual, sucedendo-se em toda a investigação (Marchi, 2018) nas interações diárias, a exemplo, o consentimento para o registro fotográfico ou da gravação de voz. Por esse motivo, ao chegar todos os dias, pedíamos permissão para as anotações no diário, fotos, sobretudo, com o cuidado de perguntar o que queriam fazer naquele momento. Assim, no decorrer dos encontros, as interlocutoras iam interpretando diariamente como era a investigação. Contudo, houve momentos em que se as anotações ou filmagens atrapalhassem os momentos de brincadeiras com as tecnologias, elas solicitavam os registros fossem efetivados depois, pois designavam uma “tarefa” no momento de brincar, isto é, elas solicitavam auxílio nas brincadeiras.

Portanto, reconhecemos o lugar singular e único ocupado pelas crianças na investigação e todos os cuidados éticos perpassaram por escolhas, caminhos traçados e desafios. Nesse sentido, ao entender que esses os lugares são de autorias, nossa postura ética não se limitou à burocracia protocolar acadêmica obrigatória, restrita a angariar assinatura dos pais/ responsáveis, ou seja, os trâmites legais de autorização, mas considerar as vozes das crianças para escolha de uma negação ou aceitação de participar sobre algo tão importante e recorrente na vida delas, as tecnologias. Além desses fatores, a entrada em campo exigiu estratégias de imersão em todo o trajeto investigativo.

AS ESTRATÉGIAS DE IMERSÃO NO CAMPO DA PESQUISA

Nos cenários da pesquisa com crianças, as interações entre adulto/pesquisador-interlocutor são imbricadas a todo tempo na relação ética e em momento algum ela cessa. Não existe uma “receita pronta”, pois é algo construído e mobilizado nos processos de autorias na pesquisa entretecida à escolha teórico-metodológica. Em primeiro lugar, ao reconhecer o lugar de autorias das crianças, compreendemos que suas atuações nas culturas digitais contribuem de forma significativa para os protagonismos nas culturas infantis, o que exigiu, essencialmente, pensar a criança e atuar com ela.

Pereira (2012, p. 75), cita a exotopia como movimento essencial da ida ao outro – as crianças, “pressupondo abdicar de si [...] e tentar captar suas formas de entendimento [...]”, apresentando as singularidades do olhar. Assim, ao pensar nas formas de captar o entendimento das crianças sobre suas culturas atravessadas pelas culturas digitais, surgiram alguns questionamentos: como trazer autorias das crianças mantendo a integridade ética de cada uma delas? Como elas seriam parceiras na investigação? Como elas constroem a visão de si no/sobre o contexto da pesquisa?

Kramer (2002) faz um alerta ao enfatizar a autorização dos pais como ação não suficiente, do ponto de vista ético, para revelar nomes e rostos das crianças, pois pode acarretar em consequências drásticas e colocá-las em risco. Com isso, sugere alternativas, a exemplo, adotar o uso de nome fictícios com a preocupação de não revelar identidades. No entanto, a autora recusa opções, como: iniciais dos nomes verdadeiros, números ou letras, pois esses tipos de escolhas desconsideram as crianças como interlocutoras.

Por isso, pensando em garantir a preservação de identidade das crianças, optamos em decidir, junto com as interlocutoras, alternativas de identificação. Essa preocupação ocorreu tanto pela pesquisa ter sido no espaço familiar quanto por se tratar de crianças pequenas e com elas os cuidados éticos devem ser bem pensados para que nenhuma decisão seja um possível risco. Por esta razão, solicitamos a escolha de um nome fictício que as representassem no trabalho, além disso, sugerimos que escolhessem algo relacionado às suas vivências, ou seja, tivessem sentido e significado para elas.

Kramer (2002) destaca como a proposta de nomes fictícios abarcam o imaginário infantil e merece uma análise especial sobre como incide essa decisão. Diante da escolha de ambas, ficou decidido por Franny (5 anos) e Princesa Elena (3 anos)⁶. Na aproximação em campo, percebemos esses personagens estavam presentes nos desenhos animados preferidos delas. Além disso, elas tinham brinquedos, jogos, material escolar, acessórios e também gostavam de desenhar e pintar os personagens, ou seja, essa relação se dava além das séries televisivas do universo infantil. Por isso, tivemos a ideia de sugerir não apenas a representação pela opção de nomes fictícios, mas também que fizessem desenhos desses personagens escolhidos para aparecer no texto – já que não pretendíamos identificá-las no trabalho. Assim, na Figura 1, está o desenho representativo da interlocutora de três anos, uma personagem da Disney chamada Princesa Elena. Já na Figura 2, está a criança de cinco anos, que inspirada no desenho “Festa de Palavras”, escolheu a personagem chamada Franny.

Figura 1. Princesa Elena (3 anos)



Figura 2. Franny (5 anos)



Fonte: Elaborado pela princesa Elena (2020). Fonte: Elaborado pela princesa Elena (2020).

Ainda pensando nas questões éticas de resguardar a integridade das crianças, concordamos com as reflexões de Fernandes (2016), ao afirmar que as questões de privacidade e confiabilidade também perpassam nos registros feitos no campo, logo, aos poucos, no decorrer dos encontros, explicamos de forma constante um pouco mais sobre a pesquisa. Assim, nas interações diárias foram surgindo dúvidas sobre detalhes, como: o que era o bloco de anotações ou o motivo da ausência dos seus rostos nas fotos e o porquê de estar gravando toda a interação. Diante desses questionamentos tentamos explicar, assim como a necessidade do nome fictício, sobre a relevância de produzir o material com o cuidado e zelo de não mostrar seus rostos, mas sim detalhes das atividades feitas com os dispositivos digitais, por ângulos mais específicos, como mãos, braços etc.

⁶ Ressaltamos que não fizemos recorte de escolha de gênero, já que essa decisão dependeu diretamente da proximidade com os pais, pois devido à delicadeza da observação no espaço familiar por um longo período de tempo, demandou, por parte da família, um conhecimento prévio sobre a pesquisadora bem como a instituição vinculada à pesquisa.

Elas compreenderam e esse discernimento sobre o processo foi construído durante o percurso de toda a investigação.

Figura 3. Fotografias registradas na pesquisa



Fonte: Oliveira (2021).

Kramer (2002) destaca a fotografia como um convite a releitura e um potente instrumento para guardar memórias e constituir subjetividade, pois permitem que as crianças se vejam e analisem sua presença nas formas de registros. Por isso, durante a estadia com as crianças em campo, procuramos a todo tempo mostrar os registros das fotos, vídeos, acautelando questões de privacidade na ação de pesquisar com elas. E, assim, conseguimos estabelecer uma relação de confiança com as interlocutoras. Ferreira (2010) ressalta que essa confiança é conquistada com a profundidade dos avanços dos níveis de participação, pois os protagonistas conseguem gradualmente discernir suas formas de autorias no processo de investigação e, isso, permitiu mobilizar posturas e ações éticas criativas em todo material produzido: notas, gravações, fotos, dentre outros.

No entanto, antes das crianças se sentirem parceiras na investigação foi necessário estabelecer uma relação prévia de confiança, ou seja, exigiu a aceitação nas interações delas e participar das suas vidas. Corsaro (2005) alude que a imersão no campo na pesquisa com crianças é dividida em três fases: **entrada no campo, aceitação** e a **participação nas culturas de pares infantis**.

De acordo com Corsaro (2011), para ser aceito nas culturas infantis das crianças, é necessário previamente ser reconhecido como membro do “ponto de vista de dentro” (Corsaro, 2005, p. 444). Antecipadamente essa aceitação exige do(a) pesquisador(a) reconhecer autorias das culturas das infâncias e como ela se origina do contato com a cultura adulta, para tanto, ele utiliza o conceito de reprodução interpretativa e cultura de pares. Para ele, a reprodução interpretativa são as formas de (re)produzir ativamente as culturas do mundo adulto, ou seja, elas se esforçam para interpretar e dar sentido à sua própria cultura. Essa reprodução não acontece de forma passiva, pois as crianças afetam o mundo ao seu redor e por ele são afetadas e na participação das rotinas culturais tornam-se membros das culturas de pares, ou seja, nos grupos infantis.

Corsaro (2011, p. 128) reporta as “[...] culturas de pares infantis como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores, e preocupações que as crianças produzem”. Em busca da proximidade fidedigna com as culturas de pares, o autor fala da necessidade de um trabalho prolongado por meio de uma observação intensiva, com duração de meses ou anos, para o(a) pesquisador(a) ter acesso às perspectivas das culturas próprias das infâncias. Nesse sentido, ao reconhecer as formas de reprodução interpretativa das crianças e suas maneiras de produção cultural, ter acesso a elas na investigação, exigiu, primeiramente, a aceitação nas interações das interlocutoras.

Corsaro (2003) em suas pesquisas, previamente, antes de entrar em campo, observou as formas de relação dos adultos com as crianças, e percebeu que os adultos se aproximavam delas apenas para efetuar perguntas, dar ordens e conselhos. Por isso, criou a estratégia de entrada reativa no campo, a qual consiste em estar nos mesmos espaços que as crianças e agir como um adulto atípico, esperando que elas reajam a presença do adulto-pesquisador(a). Logo, não ser visto como um adulto típico, é essencial na investigação, pois gera, a partir da curiosidade de descoberta, ação comum nos questionamentos das crianças, a necessidade de conhecer e aprender mais sobre a pessoa de característica incomum ali presente, além disso, desvencilha o pesquisador(a) da visão de poder já estruturada na sociedade na relação entre adulto-criança.

Nesse sentido, na observação, adotamos a estratégia **de entrada reativa** no espaço familiar durante a investigação. Logo, observamos que a entrada reativa percorreu três fases divididas em: **Aceitação**, primeira fase, ocorrida nas semanas iniciais como adulto atípico, ou seja, apenas era observado o que as crianças faziam; a segunda, a **participação** – nesse estágio após semanas, elas estabeleceram uma relação de confiança e amizade, permitindo assim, a participação na imersão com os dispositivos e, por último, na terceira fase, a aceitação como **membro efetivo** das brincadeiras, com ou sem os dispositivos digitais, como representado no Quadro 1.

Quadro 1. Fases da entrada reativa no campo *com* as crianças

1º Fase <hr/> Aceitação	Nos primeiros encontros convidavam para observar o que estavam fazendo com os dispositivos digitais e demais brincadeiras.
2º Fase <hr/> Participação	Após algumas semanas, elas pediam para jogar junto. Para tanto, escolhiam jogos com a possibilidade de jogar mais de uma pessoa, ou até mesmo, revezava as jogadas no videogame, <i>tablet</i> , <i>smartphones</i> , dentre outros dispositivos.
3º Fase <hr/> Membro efetivo das brincadeiras	Elas escolhiam os jogos com intuito de ensinar tudo sobre eles, além disso, tornou a pesquisadora membro efetivos das suas brincadeiras, de dança, de boneca, dentre outras.

Fonte: Oliveira (2021, p. 67).

O entendimento delas acerca da participação aumenta, simultaneamente, os seus níveis de envolvimento e interlocução, para tanto exige, “[...] que o pesquisador entre e seja aceito na vida daqueles que estuda e delas participa” (Corsaro, 2005, p. 446). Por isso, foi estabelecida, durante os encontros, uma relação de amizade. Inicialmente, como adultos atípicos, estavam ali, para aprender *com* elas sobre a imersão espontânea com as tecnologias no cotidiano, ou seja, estaríamos apenas para observar os sentidos e significados já construídos nas singularidades das culturas infantis, sem perguntas, imposições ou ordens, geralmente presentes na relação entre elas e os adultos típicos.

Nesse sentido, essa relação também se estabeleceu em fases de envolvimento das interlocutoras. Essas fases ocorreram também em três estágios, simultaneamente às fases de entrada em campo. Na primeira, enquanto apenas observava, elas tinham curiosidade sobre as formas de registros, na segunda, já participávamos parcialmente das atividades delas, elas pediam para escrever no diário de campo etc. E, na última fase, como membros efetivos das suas brincadeiras, elas escolhiam o que poderia ser registrado no momento de interação delas com os dispositivos digitais, como representado no Quadro 2.

Quadro 2. Fases de participação das crianças na pesquisa

Fases do Envolvimento	Tipos de Interação	Franny (5 anos)	Princesa Elena (3 anos)
1º Fase <i>Curiosidade Sobre a pesquisa</i>	Nos primeiros encontros elas perguntavam o que era o caderno de anotações, porque estava gravando e tirando fotos etc.	Franny: Por que você usa dois “celular”? Esse está gravando, olha aqui. Pesquisadora: Em um gravo os nossos encontros e em outro tiro fotos e faço vídeos para poder rever em casa. Franny: Entendi.	Princesa Elena: O que você está escrevendo? Depois quero ver como você escreveu, ‘tá’ bom?! Pesquisadora: Combinado.
2º Fase <i>Participação na pesquisa</i>	Após algumas semanas, elas pediam para escrever no bloco de anotações, tirar fotos etc.	Franny: Eu posso escrever meu nome nele também? Também quero fazer anotações nele igual a você, posso? Pesquisadora: Claro que sim!	Princesa Elena: Posso desenhar no seu caderno? Pesquisadora: Claro. Quer desenhar o quê? Princesa Elena: Essas flores do jogo da Luna. Pesquisadora: Vai ficar bem lindo.
3º Fase <i>Autoria de decisão na/para pesquisa</i>	Nessa fase, elas davam sugestões para registrar o que elas escolhiam no momento de interação com as tecnologias digitais e demais brincadeiras.	Franny: Hoje eu tenho várias coisas legais para te mostrar no meu <i>tablet</i> para você por na pesquisa. Eu desinstalei alguns jogos. E agora tem um monte de jogos novos e você pode tirar foto e escrever tudinho! Pesquisadora: Eba! Quero ver!	Princesa Elena: Vem ver esse desenho aqui. Pesquisadora: Que lindo! Princesa Elena: Agora já pode escrever no seu caderno e tirar uma foto dele para pôr na sua pesquisa. Pesquisadora: Já escrevi. Agora posso tirar uma foto? Princesa Elena: Pode sim!

Fonte: Oliveira (2021, p. 68).

Perceber os estágios de avanço nas relações estabelecidas em campo, permeou compreender como as crianças mobilizam os conhecimentos sobre a pesquisa para contribuir na própria investigação, como demonstrado na terceira fase. Toda essa aproximação desconstrói a visão de que elas “[...] não possuem competência adequada para produzir discursos relevantes sobre os assuntos que lhe dizem respeito” (Fernandes, 2016, p. 762). Por isso, a observação permitiu mobilizar e construir, gradativamente, com as interlocutoras, formas de autorias tecidas durante o estudo.

Portanto, esse tópico teve não apenas o intuito de responder às indagações feitas inicialmente, mas também detalhar os cuidados éticos mobilizados desde a apresentação das crianças interlocutoras até as formas de entrada em campo. Para tanto, entendemos que a concepção da pesquisa *com* e não sobre elas, direcionou os pontos cruciais de toda a investigação. Com isso, os encontros permearam no aprender sempre *com* as autorias protagonizadas por elas no contato com as interfaces digitais e na construção de confiança, mais que isso, elas também se constituem como coautoras dos processos de investigação quando lhe permitem atuar sobre algo

que lhes diz respeito, ou melhor, os sentidos e significados tecidos nas culturas infantis com os dispositivos digitais.

O LOCAL DE ATUAÇÃO DAS CRIANÇAS PARTICIPANTES

Essa pesquisa foi feita no espaço familiar de duas crianças durante quatro meses. Vale ressaltar que ambas residem no mesmo condomínio, mas pertencem a famílias distintas e, conseqüentemente, moradia/apartamentos diferentes. De certa maneira, mesmo morando em um condomínio fechado, com garantia de segurança e possibilidades de lazer nas áreas de recreação, como: parquinho, sala de jogos, área com piscina; os encontros ocorreram apenas no apartamento onde residem, e somente com a presença dos pais. Devido uma série de fatores, tais como: a pouca idade, a segurança e a demanda da presença dos pais nas observações por questões éticas, por isso ocorreu dentro das residências.

Compreendemos que, por se tratar de uma família com responsabilidades e obrigações diárias, a dinâmica de vida dos pais influi diretamente na rotina das crianças. Por isso, os agendamentos dos encontros buscaram respeitar tanto a agenda dos pais quanto a das crianças. Dessa forma, os pais ou até mesmo as crianças poderiam se sentir à vontade para cancelar a qualquer momento as visitas diante variedade de complexidades e imprevisibilidades que permeiam a vida em família.

Diante desse panorama, na proximidade com as famílias no campo, compreendemos as formas de imersão das crianças com as tecnologias digitais. Ela acontece de maneira constante em vários dispositivos, seja na televisão, tecnologias móveis ou até mesmo nos consoles dos videogames. Essa familiaridade foi fulcral para nossos encontros, pois as interlocutoras criaram diferentes estratégias de imersão migrando para mais de uma interface, sendo assim, a partir da decisão delas, uma opção de diversificar seus momentos de brincadeiras com a pesquisadora durante os encontros.

OS DISPOSITIVOS TECIDOS COM AS INTERLOCUTORAS

Com alicerce das estratégias e opções explicitadas, reconhecemos que as autorias das vozes das crianças-interlocutoras e os seus protagonismos permitiram tecer os toda a investigação. Para tanto, foi necessário optar por dispositivos⁷ de pesquisa que permitissem o registro *in situ* da atuação das crianças com as tecnologias digitais nos seus cotidianos. Corsaro (2005) relata que a construção dos dados ocorre de forma complexa e exige um trabalho de campo de caráter prolongado e, durante o processo, os dispositivos devem estar abertos à contribuição direta das crianças, a fim de que elas ocupem seu lugar na investigação, sobretudo, em sua relação com o adulto pesquisador(a).

Inicialmente, antes de entrar em campo com as crianças, aplicamos um questionário⁸ com os pais no intuito de entender mais sobre elas, rotinas de lazer, horários da escola, quantas horas de acesso à internet, quais interfaces usavam, preferências etc. Esse dispositivo forneceu importantes informações sobre a rotina dos pais e também as atividades espontâneas dos seus filhos(as) com as tecnologias digitais. Sendo assim, ficou acordado com os pais um encontro por semana com cada participante, apenas nos momentos livres dos seus filhos(as) com as tecnologias. O total de horas variou entre duas a três horas, levando em conta a rotinas das crianças e dos responsáveis.

⁷ Nessa pesquisa utilizamos o conceito de “dispositivos” em vez de “instrumentos de coleta”, pois para Macedo (2014), o sentido “instrumentos” guarda uma conotação instrumentalista no processo de construção do conhecimento.

⁸ O questionário teve como intuito conhecer a rotina das famílias participantes.

Após isso, por tecermos uma proposta metodológica com inspiração na etnografia, a opção pela observação interativa⁹ permitiu uma imersão prolongada no espaço familiar das participantes (Oliveira, 2021). Esse dispositivo permitiu instaurar uma relação de cumplicidade, parceria e amizade com elas, pois o estar *com* fortificou um olhar compreensivo no decorrer das fases da investigação nos momentos de brincadeiras. Macedo (2010) destaca o olhar senso-compreensivo como uma ação não apenas do pesquisador, mas também dos atores da pesquisa, ou seja, ocorre no coletivo da investigação, pois à medida que os laços se fortificam, a pesquisa vai sendo tecida de forma conjunta nas atuações.

Bogdan e Biklen (1994) afirmam que é normal que essa interação no campo tenha que ser algo conquistado ao longo do estudo, pois nos primeiros dias, por se tratar de um sujeito “estranho” ali presente, por via de regra, ele fica de fora esperando que o observem e o aceitem. E à medida que os protagonistas da pesquisa se relacionam e edificam confiança, a participação começa a ocorrer de forma efetiva e resulta em descrições mais densas dos fenômenos observados. Por isso, pesquisar junto *com* as crianças resultou o que Macedo (2014, p. 92) chama de “níveis densos de participação”, os quais foram negociados e renegociados pelas crianças no campo, como evidenciado no Quadro 2.

Assim, com a necessidade de ter minimamente detalhado e anotado para não esquecer nenhum aspecto significativo dos encontros, adotamos o diário de campo. Compreendemos que as crianças, especialmente, as pequenas – têm um modo peculiar de comunicar sobre suas culturas e, logo, com a escuta atenciosa em campo, percebemos que não apenas as falas estariam registradas, mas também gestos, ações expressões e linguagens construídas com as interfaces. A partir desse enfoque, Macedo (2014) enfatiza o diário de campo como um dispositivo que ultrapassa o mero relato, mas, demanda, sobretudo, atrelar-se a uma descrição minuciosa das existencialidades.

Na construção do diário de campo, tomamos como nota narrativa, a linguagem corporal, gestual, verbal e não verbal, todas minimamente detalhadas, ou seja, esse dispositivo permitiu capturar/registrar a pluralidade de subjetividades dos significados atribuídos às tecnologias digitais pelas crianças. Aliado a isso, durante os encontros utilizamos registros fotográficos, gravação de áudios, vídeos curtos e anotamos em um bloco de notas, informações curtas das observações.

Nesse sentido, fizemos “notas de observação”¹⁰ em um bloco de anotações e nele registramos detalhes particulares curtas, como: acontecimentos e palavras-chave, no intuito de despertar a memória para fazer os registros no diário de campo ao chegar em casa. Corsaro (2011) ressalta as notas de campo como o desafio mais difícil na investigação com crianças, já que de um lado, estar junto, requer dar atenção a elas, e do outro, o adulto-investigador deve capturar as complexidades de ações verbais e não verbais delas. Kramer (2002) acentua os registros de vídeos e fotográficos como elementos essenciais para retornar aos acontecimentos marcantes da investigação, e esse retorno permite novas (re)leituras dos movimentos, gestos, sorrisos, ações e expressões.

Portanto, os dispositivos escolhidos permitiram as contribuições ricas de informações. Essa construção ocorreu à medida que o grau da aceitação em campo acontecia, pois, assim, as crianças se sentiam mais à vontade para comunicar, relatar, pedir e compreender como se dava o avanço da investigação. Pensá-las como sujeitos ativos, protagonistas, trouxe inúmeros desafios éticos e de reinvenção, no entanto, suas contribuições ajudaram a criar autorias na construção de informações e, por isso, implicou adotar singularidades compreensivas para interpretar as suas compreensões.

⁹ Esse dispositivo tem como inspiração a compreensão de que a participação e interação fazem parte dos processos de interatividade, pois para que haja interatividade tem que haver interação e participação, o que torna esse dispositivo mais rico para o registro de informação dos aspectos simbólicos das culturas infantis e seus imbricamentos com as tecnologias digitais na pesquisa inspirada na etnografia.

¹⁰ Macedo (2014) afirma que as notas de observações podem ser feitas folhas pautadas ou pequenos blocos, a fim de fazer registros das observações destacadas de forma particular pelo pesquisador.

CONCLUSÃO

Pesquisar as infâncias em tempos de tecnologias digitais se constitui em um constante desafio na investigação científica. De um lado, os pequenos estão ocupando o espaço virtual gradativamente, do outro, esse fenômeno destaca a importância de (re)pensar os caminhos metodológicos e cuidados éticos para a escuta de suas vozes. Assim, este estudo destacou a necessidade da escolha de dispositivos que possibilitem reconhecer as crianças como parceiras, bem como permita os registros de suas produções culturais sobre/no/com espaço virtual aliado aos cuidados éticos do processo.

A técnica com base na etnografia permitiu assentir as crianças como parceiras no estudo, capturando os acontecimentos de suas próprias perspectivas. Assim, efetivar uma observação interativa junto às interlocutoras permitiu construir uma relação de amizade e confiança. Diante disso, para responder os questionamentos efetivados foi necessário: (i) registrar suas autorias sobre/na a pesquisa não deixando de lado os cuidados éticos; (ii) reconhecê-las enquanto parceiras; (iii) compreender como constroem a visão de si enquanto sujeitos que contribuem na pesquisa.

As estratégias de registros, tais como: tomadas de fotografias, gravação de áudios, gravação curta de vídeos e bloco de anotações auxiliaram no armazenamento dos dados no intuito de não perder as interações ocorridas no campo. Esses recursos foram essenciais, pois devido à idade, as crianças pequenas demonstram por meio de gestos e ações, nem sempre acompanhado de palavras, situações cruciais para o processo de análise de dados. Aliado a isso, a gravação de áudio de toda interação e bloco de anotações permitiram que pudéssemos brincar com as crianças ao mesmo tempo em que registrávamos os acontecimentos.

Entretanto, precisamos nos questionar sobre outras formas de pesquisar as infâncias atuantes nas culturas digitais, ou seja, outros métodos que, conseqüentemente, exigirão outros desafios éticos, pois, à medida em que os pequenos territorializam o espaço virtual às suas maneiras, enriquecendo suas produções culturais e formas de socialização, também nos desafiamos a (re)pensar como escutar suas vozes, na escolha dispositivos ideais, em outras estratégias éticas e os modos de fazer e ressignificar pesquisa na era digital.

Contribuições dos Autores: Oliveira, B. S.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo e revisão crítica do conteúdo; Lucena, S.: orientação de todo o estudo, redação do artigo e revisão crítica de conteúdo intelectual; Fontes, N. E.S.: redação do artigo e revisão crítica de conteúdo intelectual. As autoras leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe. CAAE: 28069219.9.0000.5546.

Agradecimentos: Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida à pesquisadora Bruna Santana de Oliveira, tornando possível o desenvolvimento do estudo e a aprofundamento na imersão em campo com as crianças durante o mestrado.

REFERÊNCIAS

Barbier, R. (2002). *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano.

Bedford, R., Pickles, A., & Lord, C. (2016). Toddlers' fine motor milestone achievement is associated with early touchscreen scrolling. *Frontiers in Psychology, 7*, 1108. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01108>

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto, Portugal: LDA.

Cohn, C. (2005). *Antropologia da criança*. Editora Schwarcz: Companhia das Letras.

- Corsaro, W. A. (2003). *We're friends, right? inside kids' cultures*. Washington, DC: Joseph Henry.
- Corsaro, W. A. (2005). Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação & Sociedade*, 26(91), 443–464. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200008>
- Corsaro, W. A. (2009). Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In F. Müller & A. M. A. Carvalho (Orgs.), *Teoria e prática na pesquisa com criança: diálogos com Willian Corsaro* (pp. 83–103). Cortez.
- Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed.
- Corsaro, W. A. (2019). Children's peer cultures and social inequality. In A. Brough (Ed.), *Childhood and inequality: International and interdisciplinary perspectives* (pp. 23–39). Policy Press.
- Corsaro, W. A. (2021). Sociological perspectives on children's lives. In L. Juang & J. A. Lavallee (Eds.), *The SAGE encyclopedia of children and childhood studies* (pp. 1236–1239). Sage Publications.
- Delgado, A. C. C., & Müller, F. (2005). Em busca de metodologias investigativas com crianças e suas culturas. *Caderno em Pesquisa*, 35(125), 161-179. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000100009>
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas* (13a ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Grimes, S. M. (2021). *Digital playgrounds: The hidden politics of children's online play spaces, virtual worlds, and connected games*. University of Toronto Press.
- Fernandes, N. (2016). Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, 21(66), 759-779. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216639>
- Ferreira, M. (2010). “Ela é nossa prisioneira!”: questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. *Revista Reflexão e Ação*, 18(2), 151-182.
- Fine, G. A., & Kent, L. (2015). Participant observation in sociology. In J. Scott & J. J. Tepper (Eds.), *Engaging social justice: Critical studies of 21st century social transformation* (pp. 51–70). Brill.
- Fine, G. A., & Kent, L. (2021). Participant observation with children and adolescents. In J. A. Holstein & J. F. Gubrium (Eds.), *Handbook of methods in aging research* (pp. 365–386). Springer.
- Macedo, R. S. (2010). *Etnopesquisa crítica etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro Editora.
- Macedo, R. S. (2014). *Pedagogia universitária: a escola de Paris 8 em ciências da Educação*. Salvador: EDUNEB.
- Mallmann, M. Y. (2019). *As novas tecnologias e seu uso pelos bebês: o que as mães pensam sobre essa nova realidade? Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193986>
- Marchi, R. C. (2018). Pesquisa Etnográfica com Crianças: participação, voz e ética. *Educação & Realidade*, 43(2), 727-746. <https://doi.org/10.1590/2175-623668737>
- Kramer, S. (2002). Autoria e Autorização: Questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, 116, 41-59.
- Oliveira, B. S. de. (2021) “Aqui em casa, com o tablet e videogame, eu sempre aprendo um montão de coisas”: atos de currículo brincantes nas práticas das culturas infantis com as tecnologias digitais. 2021. 231 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15087>
- Oliveira, B. S. de, & Lucena, S. (2021a). Atos de currículo e estratégias aprendentes nas práticas das culturas infantis com as tecnologias digitais. *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 16(4), 2808–2825. <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i4.15686>

Oliveira, B. S., & Lucena, S. (2021b). Youtubers mirins on the networks: children claiming their place in digital cultures. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 2(1), 12483. <https://doi.org/10.20952/jrks2112483>

Panorama Mobile Time/Opinion Box. (2022). Crianças e smartphones no Brasil – Outubro de 2022. <https://www.mobiletime.com.br/pesquisas/criancas-e-smartphones-no-brasil-outubro-de-2022/>

Pereira, R. M. R. (2012). Pesquisa com crianças. In R. M. R. Pereira & N. M. Macedo (Orgs.), *Infância em pesquisa* (pp. 59–86). Rio de Janeiro: NAU.

Sarmiento, M. J. (2011). Sociologia da Infância: correntes e confluências. In N. Zago, M. P. Carvalho, & R. A. T. Vilela (Orgs.), *O Estudo de Caso Etnográfico em Educação. In Itinerários de Pesquisa - Perspectivas qualitativas em sociologia da educação* (2a ed., pp. 137-179). Rio de Janeiro: Lamparina.

Souza, J. S. de. (2019). Brincar em tempos de tecnologias digitais móveis. Tese (doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28762>

TIC Kids Online Brasil. (2021). Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil - 2021. <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2021/>

Recebido: 31 de março de 2024 | **Aceito:** 29 de julho de 2024 | **Publicado:** 24 de setembro de 2024



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.